

Indivíduo e Cultura: Perspectivas da Antropologia Contemporânea

Mayk Andreele do Nascimento
(Aluno do Curso de Ciências Sociais da UFPB)

Simmel: o indivíduo e a modernidade

Após longo período de letargia, a obra de George Simmel vem sendo tardia e lentamente revitalizada nas ciências sociais. Autor de uma vasta obra que influenciou clássicos como Max Weber, continua atualíssima em sua abordagem sobre o indivíduo e a modernidade.

Atento leitor da obra de Marx apresenta uma perspectiva que inverte a determinação infra-superestrutural, dando ênfase a dimensão cultural como força transformadora do social, - a cultura como arranjo dos homens -, merecendo assim um lugar cativo nos debates contemporâneos da antropologia, principalmente neste tema que lhe era caro.

Escrevendo sobre a cultura do dinheiro, Simmel discorre sobre as transformações que a modernidade engendrou historicamente, com o capitalismo, quando o dinheiro, como equivalente universal, torna-se a mediação fundamental da sociedade. Em uma terminologia marxista

podemos dizer que é o momento em que a mercadoria ganha asas e alça vôos cada vez maiores, e o valor de troca coloniza os mais diversos aspectos da vida social.

Simmel, ao contrário de Marx, está atento para outro aspecto dessa transformação, a possibilidade aberta à subjetividade individual gerada pela cultura do dinheiro, que rompe bruscamente com os rígidos laços sociais que a mantinham aprisionada. Para Simmel, uma característica da modernidade é o processo de individualização e a afirmação autônoma do indivíduo, de sua tentativa de afirmação individual. A vida moderna portanto, oferece uma possibilidade quase ilimitada para o indivíduo alargando, assim, as suas possibilidades de liberdade, pois conforme este se liberta do círculo que o aprisiona, adquire uma consciência cada vez maior da sua liberdade.

Neste sentido torna-se indispensável para a compreensão dos processos históricos que delinearão esta realidade. Ocorre, desde o Renascimento até os dias de hoje, um processo de separação e diferenciação de personalidade, cada vez maior entre os indivíduos, e suas relações são intermediadas cada vez mais por meios cada vez mais abstratos. O dinheiro, então, torna-se o Deus da modernidade, “simboliza e corporifica o espírito da racionalidade, da calculabilidade e da impessoalidade”, servindo, igualmente, como “um medidor das diferenças qualitativas entre as coisas e as pessoa” (SIMMEL, 1998, pp27).

Deste modo Simmel, apesar de apontar o crescimento da individualidade como espaço subjetivo no processo da cultura moderna, chama a atenção, também para as conseqüências da impessoalidade nesta sociedade e seus efeitos sobre os indivíduos.

O dinheiro se coloca entre o homem e o que ele quer, como se fosse um facilitador, criando a ilusão de que tudo pode ser alcançado através dele. É como se a felicidade estivesse ao alcance de um dedo e

se esvaísse a cada segundo, criando um círculo vicioso onde ganhar dinheiro acaba tornando-se um fim em si mesmo. O sentido da vida, assim, escapa ao indivíduo no redemoinho das mediações objetivantes, criando decepções e frustrações à humanidade.

Dumont: o individualismo em Questão.

Ao problematizar o debate em torno do individualismo na modernidade, ou seja, do culto moderno do indivíduo com a radical individualização da alta modernidade e suas conseqüências sociais, vale a pena refletir um pouco sobre a proposta de Dumont, (1985) no seu estudo comparado da ideologia moderna, através da gênese histórica do individualismo, numa perspectiva relacional e comparativa das ideologias.

Ideologia por ele entendida como um conjunto de representações, situando o conceito no contexto global da configuração de idéias e valores inscritos em diferentes culturas.

Alguns autores, entre eles o próprio Simmel, tentaram penetrar fundo nas raízes da concepção do mundo na modernidade, apontando para períodos históricos diversos, em Dumont esta remonta às raízes do cristianismo, cristalizando-se na emancipação do poder político do domínio religioso com a ascensão do estado secularizado.

O autor observa assim uma descontinuidade entre a modernidade e o resto das civilizações chegando próximo ao diagnóstico de Simmel da singularidade da era moderna, e da dissociação que esta imprime entre sujeito e objeto, idéia e valor e, num plano mais amplo, entre indivíduo e totalidade social. O homem moderno, este *homem blasé* habitante das metrópoles (SIMMEL, 1998) em sua relação com a sociedade, ganha uma autonomia jamais vista na história, tornando-se senhor de si mesmo, rompendo os laços comunitários. O aspecto positivo dessa

independência vislumbrado por Simmel aqui, mais uma vez, é problematizado.

Dando ênfase a impessoalidade das relações sociais que caracteriza essa era, Dumont alerta sobre o perigo caminho do individualismo burguês, onde o indivíduo livre da coletividade e emancipado do social ignora a totalidade social em que está inscrito. Trata-se não da afirmação da individualidade louvada por Simmel, mas de sua negação e afirmação de seu inverso: o indivíduo preso no “livre” mercado, no ritmo de uma economia auto controlada cuja engrenagem gira em torno de si mesma, e onde as relações entre coisas substituem gradualmente as relações humanas.

Resta-nos pensar, no contexto da sociedade hodierna como os aspectos positivos e negativos deste processo de individualização se apresentam. Neste sentido, a antropologia na contemporaneidade vem resgatando estas duas importantes contribuições em torno da discussão sobre indivíduo e modernidade. A antropologia tem caminhado para uma incessante renovação teórica, conceitual e metodológica que têm propiciado abordagens mais profundas e abrangentes para dar conta da multifacetada complexidade da sociedade contemporânea. É neste caminho que trilharam as contribuições de dois grandes nomes da antropologia das sociedades complexas, Geertz e Sahlins.

Geertz e a dimensão simbólica da cultura

Com a proposta de uma antropologia interpretativa, Geertz (1989) retoma a discussão sobre o estatuto da dimensão simbólica no pensamento social. Imprime, assim, uma importante mudança de perspectiva na antropologia a partir das críticas ao etnocentrismo e ao determinismo biológico, tão característico do datado evolucionismo, para

afirmar uma visão da humanidade como um produto de complexas construções simbólicas.

Procura “desvendar o tecido simbólico” (1989,p.38), questionando a respeito do significado do universo simbólico no social, significado que se dá sempre em contexto societário, não sendo portanto um código a ser decifrado de maneira fria e distante, e dentro de uma multiplicidade de modos de ver o mundo e agir nele.

“Assim como a cultura nos modelou como uma espécie única — e sem dúvida ainda nos está modelando — assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum — nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido.” (GEERTZ, 1989, p. 37-38)

Com uma teoria da cultura nesta perspectiva, como um catálogo simbólico que governa e controla nosso comportamento, sendo a cultura vista como uma teia de significados que o homem teceu, Geertz contribui para uma crescente visibilidade dos processos criativos pelos quais os objetos culturais são inventados e tratados como significativos. O que Sahlins (1997) atestará em seu ensaio, como veremos adiante.

“Para Geertz, o quadro elaborado por uma visão de mundo específica, contém as idéias mais abrangentes sobre o que uma determinada população entende sobre as noções e significados de ordem e de normalidade, bem como permite entender as diversas formas de constituição das crenças e dos rituais a que estão submetidas ou se autosubmetem, se confrontam ou confirmam-se enquanto uma singularidade sempre tensa e ao mesmo tempo mutuamente afiançada”. (KOURY, 2004).

Tudo o que é humano, então, possui uma dimensão simbólica que lhe dá sustento, e todas às nossas decisões são tomadas a partir

desses símbolos e imagens públicas que organizam o mundo e as coisas e lhes conferem uma identidade. Existe, desta forma, um padrão de significados transmitido historicamente e incorporado em símbolos, como um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais seus adeptos se comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas ações em relação à vida. Para Geertz (1989, p.109),

“as visões de mundo são constituídas por símbolos que sintetizam um ethos de um povo ou grupo os símbolos provocam poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens”.

O conceito de cultura a partir da revisão Geertziana ganha fôlego, bem como a disciplina que nele se debruça, a antropologia.

“Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens” . (GERTZ, 1989:61).

Poderíamos acrescentar e dizer que sem cultura não haveria antropologia. Por isso, evidencia-se a importância da discussão de Sahlins (1997) sobre a validade do conceito de cultura no mundo globalizado.

Sahlins e o conceito de cultura no mundo globalizado

Ainda é válido falar em cultura nestes tempos de globalização? Ainda existe vida para a antropologia? Com estas questões Sahlins(1997) inicia uma discussão sobre o fim da cultura, cara aos pós modernos. Neste debate ele busca livrar a antropologia das bases etnocêntricas que a engendraram, e das tipologias evolucionistas do

mais simples ao mais complexo, baseados em graus de desenvolvimento pelas aquisições tecnológicas. Discute a idéia de progresso aí imbuída, situando o início da antropologia nas estratégias de colonização e de dominação da cultura ocidental no processo da história cultural do capitalismo. Conceito de progresso que marginaliza as “sub culturas”, que nesse processo de hegemonia do capitalismo deveriam estar em extinção, restando para a antropologia advogar pra si o papel de salvar e resgatar os resquícios e vestígios destas culturas em processo de morte. Culturas que se encontrariam, deste modo, totalmente isoladas neste processo de expansão tecnológico ocidental.

A partir de uma forte crítica às raízes colonialistas da antropologia, Sahlins se esforça em compreender o conceito de cultura como atividade criativa das ações entre os homens, como também aponta Geertz, dando relevo a uma questão fundamental da atualidade que é a da autonomia cultural dos povos no mundo globalizado. Para ele, assim, o que une os indivíduos não são os vínculos territoriais, mas os laços culturais e simbólicos, onde o intercambio passa a ser intrínseco à cultura.

Para o autor as transformações que capitalismo imprime não invalidam o conceito de cultura, o que atestaria o fim do universo sobre o qual a antropologia se debruça. Pelo contrário, as impressões do capitalismo dão fôlego às culturas nele envolvidas e obrigam a elas alçarem vôos maiores, o que amplia e atenta para a diversidade cultural e o multiculturalismo da contemporaneidade, onde os indivíduos parecem experimentar culturas distintas e através delas conhecem e estabelecem novos códigos de significados. Nessa interação, o que se percebe não é o predomínio de algumas culturas e a eliminação de outras, mas a recriação de cada uma delas. As culturas influenciam e são influenciadas, sendo o completo isolamento cultural já não mais possível.

No observar a conjectura da tentativa de hegemonia capitalista desta maneira, abre-se o foco para repensarmos as ressignificações e nas formas de resistência que as culturas marginalizadas constroem face as imposições unilaterais da cultura dominante. Um bom exemplo são as reelaborações e usos desviados de elementos da indústria cultural pelas culturas populares, que os esvaziam do seu sentido original e os retraduzem dentro do seu universo local obtendo significados diferentes ou opostos aos anteriores. É este caráter fluido da cultura que Sahlins evidencia indo de encontro tanto dos datados estudos evolucionistas quanto das “super-hiper-modernas” análises sobre o fim da cultura.

* * *

A partir desse pequeno passeio pelas abordagens deste quatro importantes autores sobre o individualismo e o conceito de cultura podemos concluir que na dinâmica sociedade hodierna, com suas complexas tramas redes significativas, a antropologia torna-se, ao invés de datada, mais atual do que nunca. Os seus esforços para compreender esta sociedade, desta forma, renovam-se na medida em que dão ênfase à complexa dinâmica da cultura e aos novos suportes teóricos, metodológicos e conceituais que a sustentam.

Referências Bibliográficas:

DUMONT, Louis. “Do Indivíduo-fora-do-Mundo ao Indivíduo-no-Mundo”. In: *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Capítulo I. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. p. 35-71.

GEERTZ, Clifford. “Ethos, Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 143-159.

SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte I. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 74-73, 1997.

SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte II. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 71-105, 1997.

SIMMEL, Georg. "O dinheiro na cultura moderna". In: Jessé Souza e B. Oelze, orgs. *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 1998. p. 23-40.

SIMMEL, Georg. "O indivíduo e a liberdade". In: Jessé Souza e B. Oelze, orgs. *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 1998. p. 109-117.

STOLCKE, Verena. "Gloria o Maldición Del Individualismo Moderno según Louis Dumont". *Revista de Antropología*, v. 44, n.2. p.7-37. 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro "sociabilidade e uso do espaço na ótica do medo no mundo contemporâneo: o caso da cidade de João Pessoa, Paraíba". *CAOS Revista eletrônica de ciências sociais*, v.6 março 2004 (<http://chip.cchla.ufpb.br/caos>).

RESUMO:

O presente artigo apresenta uma discussão sobre o conceito de cultura e o individualismo na modernidade. Para tanto discute o individualismo como parte da cultura moderna a partir dos aportes de Simmel e Dumont chegando a reflexões sobre o conceito de cultura em sua dimensão simbólica com suporte em Geertz e, finalmente apresentando o debate de Sahlins sobre a cultura no contexto globalizado.

PALAVRAS CHAVE: Indivíduo, cultura, modernidade, antropologia.